

ANÁLISE DO ROMANCE “O MORROS DOS VENTOS UIVANTES” SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA

Loiem Estephane Tavares de Sousa (Esp./URCA)

RESUMO

O romance *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847) da autora inglesa Emily Brontë (1818-1848) se tornou um dos clássicos da literatura inglesa e mundial, seu enredo diferenciado onde os sentimentos são expostos na maneira mais crua e primitiva fez com que o romance se tornasse alvo de várias críticas. Devido a essa característica encontrada nas personagens principais o objetivo deste trabalho é analisar o romance sob a perspectiva psicanalítica, tomando como base os estudos de Freud (1856-1939). Pretende-se com este estudo, usando a Estrutura tripartite da mente: o Ego, Id e Superego fazer uma relação com os personagens principais do romance acima citado, Catherine Earnshaw, Heathcliff e Edgar Linton, tendo como pilar central a ideia de que o ego (consciência) se refere à Catherine, o Id (parte inconsciente formada por instintos e impulsos) a Heathcliff e o superego (vigilante moral) a Edgar. No decorrer deste trabalho teremos uma breve noção da teoria psicanalítica e como esta se aplica à literatura em um modo geral, e continuamente com o desfecho deste estudo mostrar como a teoria psicanalítica freudiana se aplica aos personagens do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura Inglesa; O Morro dos Ventos Uivantes.

ABSTRACT

The novel “The Wuthering Heights” (1847) of the English author Emily Brontë (1818-1848) became one of the classics of English literature and world, it’s plot differentiated where feelings are exposed in the most raw and primitive made the novel became the target of criticism. Because of this feature found in the main characters goal of this work is to analyze the novel in the psychoanalytic perspective, based on the studies of Freud (1856-1939). The aim of this study, using the tripartite structure of the mind: the Ego, Id and Superego make a relationship with the main characters of the novel quoted above, Catherine Earnshaw, Heathcliff and Edgar Linton, whose central pillar of the idea that the ego (consciousness) refers to Catherine, the Id (unconscious part formed by instincts and impulses) to Heathcliff and the superego (moral vigilante) to Edgar. In this work we will have a brief idea of psychoanalytic theory and how it applies to literature in general, and continuously with the outcome of this study show how Freudian psychoanalytic theory applies to the characters in the novel “Wuthering Heights”.

Keywords: English Literature, Psychoanalysis, The Wuthering Heights.

INTRODUÇÃO

O Morro dos Ventos Uivantes é uma das poucas publicações que tiveram o poder de surpreender toda uma sociedade que, como se sabe, em se tratando principalmente da inglesa era conservadora e puritana, para com o passar dos anos ser tida por muitos como a maior de todas as obras da literatura britânica.

Este texto abre um amplo campo de pesquisa, porém neste trabalho pretendemos fazer uma análise do romance acima citado, escolhendo como base do nosso estudo a teoria psicanalítica, que têm por pai Sigmund Freud, tomando também como pilar de apoio alguns autores como Deise Lilian Fonseca Dias, Alberto Talaferro, Ricardo Piglia, Fábio Herrmann, Gilcia Gil Beckel entre outros.

Faremos assim a comparação dos três personagens principais com a segunda tópica Freudiana, onde pensamos ser possível e real essa relação. Defenderemos a tese por meio de comparações e citações retiradas da obra “*O Morro dos Ventos Uivantes*”, bem como de obras referentes à teoria tripartite da mente, sendo a principal obra “O Ego e o Id” de Sigmund Freud.

A TEORIA PSICANÁLÍTICA EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”.

Como já foi dito, a leitura da obra literária em questão nos remete a várias linhas de pesquisas, algumas já foram feitas, como por exemplo: a narração; os personagens, tendo como o mais analisado Heathcliff; as relações pós-coloniais, entre tantas outras. Escolhemos, no entanto a teoria psicanalítica. Usando a segunda tópica freudiana, onde hipoteticamente ele afirma que nossa mente é dividida em três partes: Ego, Id e Superego. Faremos um estudo de como os três personagens principais do romance “*O Morro dos Ventos Uivantes*” Catherine Earnshaw, Heathcliff e Edgar Linton, tendo por base a ideia de que o ego (consciência) se refere à Catherine, o id (parte inconsciente formada por impulsos e instintos) se refere à Heathcliff e o superego (vigilante moral) se refere a Edgar Linton.

Inicialmente façamos uma apresentação, e tracemos um perfil psicológico de cada uma das três personagens em questão:

Catherine Earnshaw, como se sabe, é a heroína da história. Possuidora de uma personalidade forte, egoísta, arrogante e mimada, porém não se portava como as crianças e posteriormente as adolescentes de sua época, ela tinha o espírito livre e não se prendia a regras, realizava apenas aquilo que lhe fazia bem, não se importando se magoaria alguém. Durante o desenrolar da trama podemos presenciar várias cenas em que Catherine quando contrariada entra em crises de choro, explosões emocionais, momentos de histeria. E uma constante em sua personalidade é a variação de humor.

Heathcliff, o anti-herói da trama desde o início é visto como um personagem misterioso e taciturno, devido aos maus tratos que ele sofre na infância torna-se obcecado pelo desejo de vingança, praticando atitudes inconsequentes durante o romance. Podemos perceber nele também características do byronianismo, onde o amor que sente por Catherine é avassalador, destrói a si próprio e a todos que passam por seu caminho. Apesar de ser considerado o “vilão” da obra, a autora soube fazer com que ele se escondesse atrás do sentimento que sentia por Catherine, onde todas as ações por ele praticadas são perdoadas pelos leitores, sendo praticadas em nome desse sentimento.

E por fim Edgar Linton, rapaz rico, bonito, educado e dono da maior propriedade da região que se apaixona por Cathy.

Partindo desse breve resumo, explicaremos como se dá essa relação entre Catherine, como Ego, Heathcliff como Id, e Edgar como Superego. Observando a figura abaixo:



Fonte: psicofadeup.blogspot.com

Como podemos perceber na figura, o ego é proveniente de uma parte do Id, uma parte pequena, porém. Age como consciência, submetida aos desejos do Id com o intuito de

permitir que seus impulsos sejam expressos no mundo exterior sem conflitos. É regido pelo princípio da realidade, restando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão. É esse princípio que é responsável por introduzir a razão no comportamento humano. A principal função do ego é buscar um equilíbrio entre os desejos do Id, regido pelo princípio do prazer, e o superego, herdeiro do complexo de Édipo.

Em suma para Freud, o Ego que como ele mesmo afirma: “nada mais é do que uma parte do id modificado pelo impacto ou a interação das pulsões internas e dos estímulos externos” sendo assim “o ego seria constituído por uma modificação do próprio Id.”

“[...] Formamos a ideia de que em cada individuo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu *ego*. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ela é a instância mental que supervisiona todos os próprios processos constituintes e que vai dormir a noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade.” (FREUD, 1923, pág. 30)

Aplicando à obra estudada, podemos perceber que, Cathy (ego) começou a passar por modificações a partir do momento que deixou seu meio restrito em *Wuthering Heights*, onde tinha contato apenas com Heathcliff (id) e passou a ter contato com o mundo externo (*Thrushcross Grange*).

Ora, a partir do momento em que Cathy passa a manter relações cada vez mais estreitas com os Linton, vai se transformando gradativamente em uma dama. Após as cinco semanas que passou em casa dos Linton, devido ao acidente com o cachorro da família, Cathy mudara notavelmente. Como se é percebido na sua volta para casa:

[...] vimos descer de um lindo poldro negro uma pessoa muito distinta, com cachos castanhos que caíam sob um chapéu de castor, enfeitado de plumas, e com um comprido vestido de veludo, que ela era obrigada a suspender com as duas mãos para poder andar, [...] tirei-lhe o traje de amazona, sob o qual apareceram um belo vestido de seda escocesa e umas calças brancas que caíam sobre sapatos reluzentes. E conquanto seus olhos cintilassem de alegria, ao ver os cães chegarem, saltitantes, para fazer-lhe festas, mal ousou tocá-los com receio de que pusessem as patas nos seus magníficos enfeites. (Brontë, p. 66-7)

Catherine havia saído de casa, tal qual passara toda a sua infância, em uma de suas brincadeiras com Heathcliff, usando seus trajes relativamente simples comparado com os Linton, e voltara como uma senhorita refinada. Como afirma Freud;

“[...] É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, [...] Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste. E esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id, cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contem as paixões. [...]” (FREUD, 1923, pág. 38-9)

Logo que Cathy voltou da granja tentou fazer com que a relação entre ela e Heathcliff voltasse a ser como antes, porém, ao passar esse tempo em companhia de Edgar começou a perceber a diferença entre ambos e por meio de repreensões e comparações tentou fazer com que Heathcliff mudasse. Porém,

“Catarina conservava suas relações com os Linton desde aquela estada de cinco semanas em casa deles. Como não lhe vinha a tentação de mostrar diante deles o lado áspero de seu gênio e como o bom senso lhe mostraria a vergonha de ser grosseira com quem a tratava com tanta cortesia, inconscientemente se impôs à estima do casal de velhos, pela sua engenhosa cordialidade; ganhou a admiração de Isabel e o coração e a alma de seu irmão, conquistas que a lisonjearam desde o começo, porque era muito ambiciosa, e a levaram a adotar um duplo caráter, sem a intenção precisa de enganar alguém. Naquela casa, onde ouvia Heathcliff ser chamado de “rufião vulgar” e “pior do que um animal” cuidou de não agir como ele. Mas, na sua, era pouco inclinada a praticar delicadezas, que seriam ridicularizadas, e a reprimir seu gênio fogoso, quando isto lhe traria crédito sem louvor.” (Brontë. p.87)

O fato de Heathcliff está sendo cada vez mais degradado fez com que Cathy se aproximasse cada vez mais de Edgar Linton, tido aqui como superego. Ora o superego é a parte da nossa mente tida como vigilante moral, cabe a ele através do sentimento de culpa e remorso levar o ego a agir de maneira correta. Ele é tido como herdeiro do complexo de Édipo, pois se forma na segunda infância a partir das repreensões dos pais.

“É a mais recente das aquisições filogenéticas do aparelho psíquico. As imagens parentais introjetadas apenas originaram o núcleo do superego. Seus elementos essenciais provêm da incorporação de exigências impessoais e gerais do ambiente social. Essa instância assim constituída chama a si

aquelas funções da crítica da conduta do ego que convertem o ser de individual em social.” (Talaferro, 1996, p.96)

O superego é definido por Freud como “o que é mais esperado da natureza do homem”; ou seja, o ideal da perfeição. Como fala Cathy em um trecho de conversa com Nelly:

[...] é belo e agrada estar em sua companhia. [...] é jovem e alegre [...] e gosta de mim. [...] É rico e eu gostarei de ser a mulher mais importante da região, orgulhosa de tê-lo como marido.

Mas como a função do Ego está em manter ou tentar manter o equilíbrio entre o Id e o superego, tendo em vista que ela gostaria e necessita manter relações com manter relações com Heathcliff, que representa a sua natureza real, o instinto animal, a paixão, mesmo casada com Edgar que representa a segurança de uma vida tranquila, rica, com um status social elevado, prestígio e renome, diferente do que teria se casasse com Heathcliff. Exposta a essa situação ele pensa poder manter esse equilíbrio:

Completamente abandonado! Separados, nós dois! _ exclamou ela em um tom indignado. _ Quem nos separaria, pergunto-te eu? Quem o fizesse teria a mesma sorte de Milom de Crotona! Enquanto eu viva for, Helena, nenhuma mortal conseguirá isso. Poderão todos os Linton da terra desaparecer, mas não consentirei em apartar-me de Heathcliff. Oh! Não é isso que eu quero dizer... Não é isso que eu pretendo! Não queria tornar-me Sra. Linton a semelhante preço! Ele será para mim o que sempre têm sido. Edgar deve desembaraçar-se da antipatia por ele e tolera-lo pelo menos. Ele o fará quando o souber de meus verdadeiros sentimentos para com Heathcliff. Nelly, eu vejo agora tu me julgas uma miserável egoísta, mas nunca te passou pela cabeça que, se Heathcliff e eu nos casarmos, seremos mendigos? Enquanto que, se me casar com Linton, posso ajudar Heathcliff a erguer-se colocando-o fora do jugo do meu irmão. (Brontë, p.99)

Heathcliff jamais aceitaria essa condição, ainda mais porque ele nutria esperança em um dia concretizar um relacionamento com Cathy, pois sabia que a mesma também sentia o mesmo por ele. No decorrer do dialogo que Cathy iniciara com Nelly continua:

[...] _ Com o dinheiro de seu marido, Srta. Catarina? Você não o encontrará tão manejável como calcula. Muito embora não caiba a mim ser juiz no caso, penso que esse é o pior dos motivos que você deu para explicar seu consentimento em casar-se com o jovem Linton. [...]

[...] _ Se posso tirar alguma conclusão de todas essas coisas sem sentido, menina _ disse eu _ é a de estar convencida de que você ignora todos os

deveres que a gente assume quando se casa, ou então que você é uma moça pervertida e sem princípios. Mas não me perturbe mais com seus segredos. Não prometo guardá-los. (Brontë, p.99-100)

No decorrer desse diálogo Catherine tenta justificar ainda seu casamento com Edgar para dar uma vida melhor a Heathcliff e fala:

[...] Os outros eram a satisfação dos meus caprichos e dos de Edgar também. Este outro diz respeito a uma pessoa que reúne em si tudo quanto eu sinto por Edgar e por mim mesma. Não posso exprimi-lo, mas decerto tu tens, como toda a gente, uma vaga ideia de que há, de que deve haver fora de nós uma vida que é ainda nossa. De que serviria ter eu vindo ao mundo se me confinasse no que aqui está? (Brontë, p.99-100)

E ela pela primeira vez declara seu amor a Heathcliff sem perceber que ele também estava na cozinha,

[...] Minhas grandes infelicidades neste mundo têm sido as infelicidades de Heathcliff, aguardei-as e senti-as todas desde sua origem. É ele a minha grande razão de viver. Se tudo percesse, mas *Ele* ficasse eu continuaria a existir. E, se tudo permanecesse e ele fosse aniquilado, o mundo inteiro se tornaria para mim uma coisa totalmente estranha. Eu não seria mais parte desse mundo. Meu amor por Linton é como a folhagem dos bosques: o tempo o transformará, estou bem certa, como o inverno muda as árvores. Meu amor por Heathcliff assemelha-se aos rochedos imotos que jazem por baixo do solo: fonte de alegria pouco aparente, mas necessária. Nelly, *eu sou* Heathcliff! Ele está sempre, sempre, em meu pensamento. Não como um prazer, visto como nem sempre sou um prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser. Por isso não fales novamente de nossa separação. É impraticável, e... (Brontë, p.99-100)

Ora como sabemos o Ego é uma parte do Id, que não pode ser separada, ele é necessário para que o Id não controle a nossa psique. Sabemos também que a parte maior da nossa mente como vemos na figura abaixo:



Fonte: en. wikipedia.org

Ou seja, o Heathcliff, o Id é maior parte de Cathy, o ego, partes inseparáveis assim como os personagens. Cathy fala que seu amor por Heathcliff é como os rochedos debaixo do solo; como vemos na figura o id é a parte que está escondida, abaixo do Ego.

Heathcliff não ouvindo toda a conversa, vai embora deixando Catherine a beira de um surto psicótico. Durante o tempo em que esteve fora ela casara com Edgar vivendo numa felicidade aparente, como narrada por Nelly:

“Acompanhei a Srta. Linton a Thrushcross Grange e tive a agradável decepção de ver que ela procedia infinitamente melhor do que eu ousara esperar. Parecia até mesmo bem apaixonada pelo Sr. Linton e devotava à irmã dele extrema afeição. Ambos, aliás, esmeravam-se em dar-lhe o maior conforto. Não era o espinho que se curvava sobre as madressilvas, mas as madressilvas que abraçavam o espinho. Nenhuma concessão mútua: um não se dobrava e os cediam. Quem pode ter mau gênio e ser rabugento, quando não encontra oposição ou indiferença? Observei que o Sr. Edgar tinha profundo receio de irritá-la. Mas não o deixava perceber. Contudo, se por acaso me ouvia responder-lhe asperamente, ou via alguma outra criada ficar trombuda diante de alguma ordem imperiosa de Catherine, manifestava seu desprazer com um franzimento do cenho, o que nunca acontecia se se tratasse de algo referente à sua pessoa. Mais de uma vez falou-me severamente por causa de minha impertinência. E assegurou-me que uma facada não lhe infligiria dor maior que a lhe causava ver sua mulher contrariada.” (Brontë. 111-112).

Edgar como superego, tem essa predisposição de agir com o máximo de bondade buscando a perfeição para o bem estar de sua esposa.

Com o passar dos anos Heathcliff volta, agora rico e poderoso para dar um novo curso a história. Como perdera o contato com Cathy, Heathcliff tornara-se uma pessoa muito mais sombria e vingativa. A parte que controla seus impulsos primitivos havia sido afastada restando para o Id a total liberdade para exercer sua vingança. Ele volta um ser totalmente sombrio, um ser sem coração, sem piedade. Vai visitar Cathy e ao reencontrá-la fala:

“[...] enquanto esperava lá em baixo pensava no seguinte plano: entrever apenas teu rosto, ver nele um olhar de surpresa, talvez, e de pretensão de prazer. Depois, ajustar minhas contas com Hindley e, em seguida, para evitar que a lei o fizesse, punir-me a mim mesmo. Teu acolhimento afugentou essas ideias de minha mente, mas toma cuidado para não mudares a maneira de receber-me de outra vez! Não, não me expulsarás mais. Estava realmente pesarosa por minha causa? Tinhas motivo. Tive de travar um rude combate

na vida desde que deixei de ouvir tua voz. Deves perdoar-me, porque lutei somente por ti!” (Brontë, p. 117)

Como já foi dito o id ao perder o contato com o ego passa a agir por seus próprios impulsos e instintos primitivos, lutando para não ser dominado por uma total psicose. Como Heathcliff havia perdido o contato com Cathy, a voz da consciência, não podia ajudá-lo a controlar suas reações.

Com a volta de Heathcliff (id), Catherine (ego) tenta cumprir seu papel de equilibrar as relações entre id e superego (Edgar).

“[...] Em lugar de se pôr a chorar, porque eu disse que Heathcliff era agora digno da consideração de todos e que seria uma honra para o primeiro cavalheiro dessa região fazer-se seu amigo, ele quem me deveria ter dito e ter-se alegrado por simpatia. É preciso que ele se acostume com Heathcliff e pode fazê-lo tanto quanto eu. [...]” (Brontë, p.120).

Cathy conseguiu esse feito por alguns dias até que Heathcliff começasse a por em pratica sua vingança. Começou por Hindley. Primeiro ele comprou sua dividas de jogo e todas as noites lhe emprestava dinheiro para jogar e beber, Hindley que já estava afundando com a chegada de Heathcliff viu-se muito pior. Este por sua vez esperava somente o momento certo para acabar com aquele que durante sua estadia em Wuthering Heights fora o seu opressor. Sua segunda vitima foi Edgar Linton, por intermédio de sua irmã Isabela que se apaixonara por Heathcliff. Apesar de Cathy adverte-la de que ele era:

“[...] um enfeitado, sem educação nem cultivado; um deserto árido de tojos e cascalhos. [...] não é um diamante bruto... uma ostra que contém uma pérola. É um homem feroz, implacável, um lobo. [...] Ele te esmagaria como um ovo de pardal, se se tornasse um fardo importuno [...]”. (Brontë. p.124)

Catherine deixa Heathcliff saber do segredo de sua cunhada sem imaginar que ele fosse usá-lo contra eles. Depois de saber de informação tão importante para sua vingança ele seduziu Isabela; Cathy ou ver essa ação entra em discussão com ele; Nelly chama Edgar e ambos entram em discussão. Após essa briga Cathy entra em um acesso de cólera, onde fala “está a ponto de perder o juízo”.

O ego, o id e o superego precisam manter um equilíbrio; se somente o id dominar, entramos em um surto psicótico onde nossas ações e reações perdem totalmente a razão, pois

o ego está dominado pelo id. Como Cathy não conseguiu manter esse equilíbrio, sua personalidade passou a ficar fragmentada, e ela passa a ter uma crise de loucura.

“[...] Ora, se não posso conservar a amizade com Heathcliff... se Edgar persiste em ser vil e ciumento, tentarei rasgar o coração de ambos rasgando assim o meu. Será uma maneira rápida de acabar com tudo, no caso em que eu seja levada a extremos!” (Brontë, p. 141).

A partir daí, esse equilíbrio nunca mais tornou a ocorrer; ela em meio a surto, sem o carinho de Edgar, nem a companhia de Heathcliff, nunca mais se recuperou totalmente. Depois da sua crise de súbita loucura Cathy tornou-se melancólica, sempre vagando pela casa com ar de profunda tristeza; chorando às vezes; como se não fizesse mais parte do mundo. Heathcliff, sabendo da atual situação em que se encontrava Catherine, arrumou uma maneira de visitá-la. Aquela seria a última vez que a veria. Em uma conversa de intensidade tamanha eles vão debulhando injúrias e juras de amor, Heathcliff que vê-se desesperado em imaginar que vai perder a única pessoa a quem tinha devoção e sentimento:

[...] Tu me amavas... Que direito tinhas então de me deixar? Que direito... Responde-me... Por causa do capricho que sentiste por Linton? E quando nem a miséria, nem a degradação, nem a morte, nem nada que Deus ou satanás pudesse infligir-nos poderia separar-nos, tu, por tua própria vontade, o fizeste. Eu não parti o teu coração... foste tu que o quebraste e, quebrando-o quebraste também o meu. E tanto pior pra mim, que sou forte. Tenho eu necessidade de viver? Que vida será a minha quando... Oh! Deus! Teria tu vontade de viver com tua alma metida em um túmulo? (Brontë, p.193)

As consequências dessa conversa para Cathy que ainda estava fragilizada fisicamente e principalmente emocionalmente fizeram com que ela desmaiasse e ao acordar desse a luz a sua filha com Edgar, mas ela não resiste ao parto e morre.

Cathy como ego não consegue equilibrar as relações do id e do superego, ou seja, Heathcliff e Edgar, passando assim a ter sua personalidade fragmentada o que a impossibilitou de viver. Como sabemos precisamos manter esse equilíbrio entre as três instâncias da nossa psique para que uma não controle a outra e nos leve a um surto psicótico e consequentemente a morte como aconteceu com Catherine.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa análise mostrou que os personagens da obra “*O Morro dos Ventos Uivantes*” se relacionam com os níveis de personalidade, que Freud denominou de segunda tópica da mente. Esse estudo foi feito através de comparações entre a obra literária em questão e obras relacionadas à psicanálise. A psicanálise foi de grande utilidade, por ser de fundamental importância no entender de comportamentos, ações e características psicológicas dos personagens principais.

“O Morro dos Ventos Uivantes” proporciona a cada leitura um novo olhar, onde a análise se torna cada vez mais profunda, portanto pretendemos continuar nessa linha de pesquisa, fazendo futuramente um estudo mais detalhado da obra.

REFERÊNCIAS

BECKEL, Gilcia Gil. **Literatura e Psicanálise: Qual a relação?** E.L.B.A -Escola Lacaniana da Bahia. 2004.

BRONTË, Emily: **O Morro dos Ventos Uivantes**. Martin Claret Ltda., 2004 Título Original: Wuthering Heights (1847) - São Paulo- SP.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. **As Subversões das Relações Coloniais em O Morro dos Ventos Uivantes: Questões de Gênero**. UFPB, 2011.

FREUD, Sigmund. **O ego, o id e outros trabalhos** (1923). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard brasileira das obras de psicológicas completas de Sigmund Freud, Volume XIX, Rio de Janeiro: Imago 1996.

HERRMANN, Fábio. **O que é Psicanálise**. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 12) p. 33-6.

PIGLIA, Ricardo. **O Melodrama do Inconsciente**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. **Psicanálise e Literatura**. Rio Grande do Sul, 1998.

TALAFERRO, Alberto. **Curso Básico de Psicanálise/** Alberto Talaferro; [tradução Álvaro Cabral]. – 2ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1996 – (Estante de Psicanálise).